



UM EXERCÍCIO DE ETNOGRAFIA VIRTUAL JUNTO A UM GRUPO FEMININO DE VIAGENS

**NATHALIA FABIANE DA CRUZ LEAL¹;
LOUISE PRADO ALFONSO (ORIENTADORA)²**

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – nathaliacleal@hotmail.com 1*

²*Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso intitulado Mulheres que Viajam Sozinhas: um estudo de gênero e raça no turismo que está em construção, a partir de perspectivas feministas e de gênero. Está vinculado ao Grupo de Pesquisa D'Generus (UFPel) e ao Projeto Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. A pesquisa em andamento tem como objetivo analisar a experiência de mulheres brasileiras viajando sozinhas em destinos internacionais, utilizando redes colaborativas de viagens, predominantemente, femininas.

A partir dados do Ministério do Turismo (BRASIL, 2017), constatou-se que 17,8% das mulheres brasileiras preferem viajar sozinhas. A principal motivação seria o desejo de viver novas aventuras, independentemente de ter ou não uma companhia. Das mulheres entrevistadas, 62,4% pretendiam viajar pelo Brasil. Contudo, em pesquisa realizada em 2015 (TERRA, 2015), o Brasil aparece em segundo lugar no ranking de países mais violentos para mulheres que viajam sozinhas, atrás apenas da Índia, no número de casos de violência sexual e assaltos.

Questões de gênero no turismo ainda são pouco exploradas e, quando busca-se sobre o assunto em pesquisas acadêmicas, o que encontramos são em grande maioria estudos que se referem ao Turismo Sexual, pouco encontra-se sobre mulheres enquanto turistas e viajantes. Outro fator, é a discussão racial em um momento tão importante em que protestos antirracistas se fazem presentes no mundo todo. Segundo Ribeiro (2017), uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, assim experienciará gênero de uma outra forma. A partir destas constatações, surge a questão central desta pesquisa: quais tipos de situações mulheres brancas e mulheres negras e/ou não brancas enfrentam ao viajarem sozinhas pelo exterior?

Destaca-se aqui a realização do trabalho em tempos de pandemia de Covid-19, quando pesquisadores e pesquisadoras, de diversas áreas, tiveram que adaptar suas pesquisas para o campo virtual. O trabalho de campo virtual ainda é pouco explorado em pesquisas ligadas ao turismo, porém que está ganhando força por meio da aproximação com a Antropologia.

2. METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos para a construção desta pesquisa são os seguintes: primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico com leituras sobre gênero, raça e turismo para uma maior familiarização com o tema estudado.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa etnográfica virtual que apresenta-se como uma possibilidade metodológica para investigação de comunidades, práticas e culturas sitiadas na Internet. (SANTAELLA, 2004). Através de observação

participante online em um grupo privado na rede social *facebook* intitulado “Mulheres que Viajam Sozinhas”. Esta é uma das técnicas muito utilizadas por pesquisadores/as que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do/a pesquisador/a no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com as pessoas, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (QUEIROZ; VALL; SOUZA; VIEIRA, 2007). Em seguida foi realizada a aplicação de um questionário virtual que ficou disponível no período entre 18 de julho a 18 de agosto de 2020 e obteve o total 710 respostas. Para este trabalho foram utilizados 142 (20%) desses formulários, com destaque nos dados de mulheres turistas viajando pelo exterior. Os formulários que envolvem as viagens no contexto Brasileiros não serão apresentados neste momento.

Cabem aqui algumas considerações sobre o grupo pesquisado. Este possui publicações diárias, frequentes interações entre mulheres e tem o intuito de prestar um auxílio para essas mulheres trocarem dicas sobre viagens, relatos de experiências, buscar companhia feminina e encorajá-las a viajar sozinhas. Este grupo foi criado em 21 de junho de 2017 e possui atualmente 88 mil membros. (MULHERES QUE VIAJAM SOZINHAS, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

TABELA 01: Como você se autoreconhece?

Raça	Respostas	Frequência (%)
Branca	89	63
Negra	26	18
Parda	23	16
Indígena	2	0
Amarela	0	2
Outros (morena, mulata...)	2	1
Total	142	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

A maioria das mulheres que participaram desta etapa da pesquisa se autoreconhecem enquanto mulheres brancas, totalizando 63% delas. As demais mulheres (37%) se autoreconhecem como mulheres negras e/ou mulheres não brancas.

TABELA 02: Você já sofreu algum tipo de discriminação racial, de gênero ou pela sua nacionalidade em suas viagens solo?

Discriminação Racial	Respostas	Frequência (%)
Sim	19	13
Não	123	87
Total	142	100

Fonte: Elaboração própria, 2020.



Discriminação de gênero	Respostas	Frequência (%)
Sim	66	46
Não	76	54
Total	142	100

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Discriminação por Nacionalidade	Respostas	Frequência (%)
Sim	28	20
Não	114	80
Total	142	100

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Os dados levantados a partir desta pergunta mostraram que 13% das mulheres brasileiras turistas, que viajaram para o exterior, alegaram ter sofrido discriminação racial, 66% sofreram discriminação de gênero e 20% sofreram discriminação por serem brasileiras com recorrência de assédio sexual.

Por muitos anos houveram estudos envolvendo apenas questões de gênero dentro dos movimentos feministas, mas não podemos ignorar as diferenciações entre as lutas femininas. Sendo assim, surgem os estudos atrelados ao conceito de interseccionalidade.

Segundo Crenshaw, as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Essa noção de 'interação' entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões. Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida, à opressão por ser mulher deve ser adicionada a opressão por ser negra. (CRENSHOW, 2002 APUD PISCITELLI, 2008).

Em relação a brasileiras em viagens internacionais, independentemente de serem consideradas no Brasil brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças. No lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da pele, confere-lhes essa condição. E essa racialização é sexualizada. Nos últimos anos, o fato de o Brasil ter sido incluído nos circuitos mundiais de turismo sexual e das brasileiras adquirirem visibilidade na indústria do sexo em países do Sul da Europa, tem acentuado essas relações entre categorias no cenário global. (PISCITELLI, 2008). Embora a grande maioria das mulheres brasileiras que viajam pelo exterior não tenham nenhuma ligação com o mercado do sexo.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise dos dados com mulheres turistas, em viagens para o exterior, que fazem parte de uma comunidade virtual feminina de viagens na rede



social, podemos concluir que é recorrente a dualidade medo/liberdade nas viagens femininas. A grande maioria das mulheres optam por viajar sozinhas em busca de empoderamento, embora ainda enfrentem problemas como a violência atrelada a discriminações por questões de raça, gênero e nacionalidade visto que, ainda hoje, ocorre uma grande estereotipação das mulheres brasileiras no exterior.

Para ajudar umas às outras a percorrer o mundo em segurança, as mulheres têm constituído comunidades *on-line*, como aplicativos e grupos nas redes sociais que fornecem apoio para as viajantes.

Esta pesquisa demonstra assim as possibilidades do método de pesquisa etnográfica virtual para o Turismo, ainda pouco explorado pela área e que ganhou forças em tempos de pandemia de covid-19.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério do Turismo. **Pesquisa aponta que 17,8% das mulheres brasileiras preferem viajar sozinhas**. Disponível em

<<http://www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2017/03/pesquisa-aponta-que-17-8-das-mulheres-brasileiras-preferem-viajar-sozinhas>>. Acesso em: Ago. 2020.

O GLOBO. **O perigo de viajar sozinha quando se é mulher**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/o-perigo-de-viajar-sozinha-quando-se-mulher-23606593>>. Acesso em: Ago. de 2020.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

PORTAL GELEDÉS. **As não Brancas- Identidade Racial e Colorismo no Brasil**.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-nao-brancas-identidade-racial-e-colorismo-no-brasil/>> Acesso em: Ago. 2020.

Queiroz, D. T. Vall J. Souza, A. M. A. Vieira, N. F. C. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA PESQUISA QUALITATIVA: CONCEITOS E APLICAÇÕES NA ÁREA DA SAÚDE. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. 1. ed. MG: Letramento, 2017.

SISTERWAVE. Disponível em: <<https://www.sisterwave.com/>> Acesso em: Out. de 2019.

Santaella, 2004. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

TERRA. **Brasil é 2º em lista de piores países para mulheres turistas**. Disponível em <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/brasil-e-2-em-lista-de-piores-paises-para-mulheres-turistas,01a2df104acbb410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: Ago. 2020.